



O Livro que o Kremlin Tem Mêdo de Deixar os Russos Lerem

Por que os dirigentes soviéticos investiram com tanta ferocidade contra Boris Pasternak e seu Doutor Jivago, que mereceu o Prêmio Nobel? Eis a estranha e dramática história da obra que foi proibida na Rússia e se tornou um êxito de livraria no mundo livre

Eugene Lyons

EM 22 DE OUTUBRO de 1958, Boris Pasternak, grande poeta e romancista russo, foi galardoado com o Prêmio Nobel de Literatura. Êle telegrafou imediatamente, aceitando-o. Declarava-se “imensamente agradecido, orgulhoso, atônito e confuso”. De tôda a parte do mundo não-soviético choveram delirantes felicitações. Em suma, Pasternak conheceu o que êle chamou “a alegria solitária” da glória.

E então desabou o dilúvio—um dilúvio de insultos em sua própria pátria, mais copioso e feroz do que o sofrido por qualquer poeta em

qualquer época da história. Poucos dias depois da sua espontânea aceitação, Pasternak renunciou ao prêmio. O motivo que apresentou foi: "O sentido que se tem atribuído a êsse prêmio na comunidade a que pertença." Inevitavelmente o mundo recordou que em 1935 os nazistas também haviam tentado forçar um escritor, Carl von Ossietzky, a rejeitar um Prêmio Nobel, nesse caso, o Prêmio da Paz.

Apesar da renúncia de Pasternak, a campanha contra êle recrudesciu de furor. Todos os recursos de uma colossal ditadura foram empregados para deslustrá-lo e humilhá-lo. De há muito reconhecido até pelos comunistas como o maior poeta da Rússia, passou a ser chamado de traidor, de judas, de porco que "sujava o lugar onde comia". Diante de uma assistência de 15.000 pessoas, com Nikita Khrushchev na tribuna de honra a liderar os aplausos, o chefe da organização da Juventude Comunista pediu que o poeta fôsse banido. Notas oficiais e artigos concitavam o povo a "cerrar fileiras em torno do Partido Comunista"—expressão que em geral só se faz surgir nos momentos de grandes crises.

Por que considera o Kremlin uma crise o reconhecimento de Boris Pasternak pelo comitê do Prêmio Nobel?

A explicação se encontra no livro agora famoso de Pasternak, *O Doutor Jivago*, romance panorâmico, no qual um período crítico da história russa—1903 e 1945—é visto através

dos olhos de pessoas vivas. Havia um ano que o livro, que não pudera ser publicado em sua terra de origem, era um *best-seller* em traduções no estrangeiro. Foi recebido como obra genial, mas as notícias dêsse sucesso literário foram cuidadosamente escondidas ao povo soviético. Alguns destacados escritores e redatores haviam lido os originais do romance, e êste era discutido em voz baixa nos círculos literários de Moscou. Mas o resto do país desconhecia que o seu grande poeta obtivera um triunfo mundial na prosa.

O Prêmio Nobel destruiu essa conspiração de silêncio. O Kremlin não poderia fingir que o prêmio não havia sido conferido. Tinha de aceitá-lo, ou como uma honra, o que tornava a proibição do livro um embaraçoso escândalo, ou como um insulto. Preferiu o insulto.

Quem é êsse escritor que se tornou um espinho na garganta do Kremlin? Boris Pasternak, com 69 anos de idade, é um homem robusto e de boa estatura, que mais parece um lavrador do que um poeta. Descende de uma família de judeus-russos de recursos modestos, mas de excepcional cultura. (Seu pai, Leonid Pasternak, foi pintor de talento; a mãe, Rosa Kaufman, era pianista.) A primeira ambição do jovem Boris foi ser compositor. Trabalhou arduamente para isso, mas, depois, mudou para a poesia e publicou o seu primeiro livro de versos de poucas páginas em 1914. Por volta de

1917, o ano da revolução, já era considerado um brilhante poeta.

Pasternak não se rebelou contra o regime comunista. Também não o aceitou com entusiasmo. Quase desde os primeiros tempos os chefes culturais soviéticos perceberam falta de empenho nêle e o censuraram pelo seu apêgo aos valores "antiquados" — a beleza, a verdade, a consciência, a alma.

Apesar disso, até meados de 1930 Pasternak conseguiu publicar uma série de livros. A sua poesia refletia a luta do "eu" para sobreviver no formigueiro coletivo, a determinação de julgar homens e fatos pelos critérios morais. Num ensaio escreveu: "Só uma coisa está em nosso poder—o não deformar a vívida voz da vida." Por fim, não querendo ou não podendo escrever o que o governo exigia, silenciou. Recorrendo a traduções para ganhar a vida, verteu para o russo Shakespeare, Goethe, Schiller, Shelley, Verlaine e outros grandes poetas.

Após a morte de Stalin, em 1953, o clima para as pessoas criadoras tornou-se um tanto mais ameno na Rússia Soviética. Os editôres de novo se atreveram a publicar os trabalhos de Pasternak. Com entusiasmo, êle se concentrou na tarefa de terminar o livro em que vinha trabalhando há alguns anos. Disse a Gerd Ruge, jornalista alemão em visita a Moscou, que julgava do seu dever "dar testemunho" do seu tempo. "O testemunho de um artista, não de um político." Disse a outra

pessoa que o entrevistou: "Sempre sonhei com um romance em que, como numa explosão, eu irromperia com tôdas as coisas maravilhosas que vi e compreendi no mundo." Êsse romance foi *O Doutor Jivago*. Produziu de fato uma explosão que está abalando o Kremlin até aos alicerces.

O Doutor Jivago é a odisséia de um médico russo, que é também poeta, filósofo e pesquisador da verdade. O livro começa com a sua adolescência em 1903 e termina com a sua morte na Moscou de Stalin em 1929. Um epílogo projeta a narrativa além do fim da última guerra. Dessa forma, o livro revive 40 anos turbulentos que abrangem duas revoluções, uma guerra civil e duas guerras mundiais. Dezenas de vidas fascinantes acham-se entrelaçadas na narrativa. Mas a ação serve principalmente de veículo para o conceito do autor sôbre o destino humano e seu profundo sentido espiritual.

O Dr. Jivago e os seus amigos íntimos acolheram a princípio com alegria a queda do Czar e o advento do bolchevismo, mas a maioria dêles logo recuou diante da carnificina e dos ódios. Entre os horrores da guerra civil e a brutalidade do regime policial soviético, procuraram manter as virtudes simples e eternas. "Os seus chefes falam muito", diz Jivago a um fanático bolchevista, "mas vocês se esquecem do mais importante: é impossível amar à fôrça."

Pela primeira vez na literatura soviética, Pasternak despe a revolução

de todo o romantismo. Fome, pestes, massacres, atrocidades tanto dos Vermelhos quanto dos Brancos, a corrupção dos idealistas transformados em funcionários sedentos de poder, os campos de trabalho escravo, tudo isso é apresentado com duro realismo. Contudo, apesar dos sofrimentos do herói e da tragédia da nação, é um romance afirmativo e até otimista. Proclama a maravilha e o mistério da vida, a indestrutibilidade da luta do homem pela liberdade, pelo bem, pelo amor. Não é por acaso que o nome Jivago vem da palavra russa *zhivoy*, que quer dizer "vivo".

A filosofia de Pasternak atinge o cerne do regime soviético. Exalta o homem acima do Estado, a vida acima do dogma, a consciência acima do conformismo. Sob um regime de mentiras e terror, atesta "a força irresistível da verdade desarmada". Contrapõe o cristianismo ao materialismo oficial. Como o reputado crítico Edmund Wilson diz assim em resumo, em *The New Yorker*:

"Creio que *O Doutor Jivago* se constituirá num dos grandes acontecimentos da história literária e moral do homem. Não seria possível a quem não tivesse a coragem do gênio escrevê-lo num Estado totalitário e espalhá-lo pelo mundo. O livro é um grande ato de fé na arte e no espírito humano."

Pasternak não pretendeu escrever uma denúncia nem uma polêmica. Quis simplesmente retratar quatro decênios de realidades com compai-

xão e sinceridade. A sua discordância não é política; o seu interesse fica na zona da ética, da estética, da filosofia. Mas seja qual for a intenção, o resultado equivale a uma arrasadora acusação do comunismo.

Eis algumas amostras da filosofia que permeia *O Doutor Jivago*:

"A História, tal como hoje a conhecemos, começou com Cristo e o Evangelho de Cristo é a sua base.

"Ora, que é a História? São os séculos de pesquisa sistemática do enigma da morte com o intuito de dominar a morte. É por isso que os homens descobrem o infinito matemático e as ondas electromagnéticas; é por isso que escrevem sinfonias. Ora, não é possível fazer tais descobertas sem equipamento espiritual. E os elementos básicos desse equipamento estão nos Evangelhos. Quais são eles? Para começar, o amor ao próximo, que é a forma suprema da energia vital. Logo que encha o coração do homem, tem de transbordar e se derramar."

Tais idéias se tornam para o Dr. Jivago os critérios finais, os critérios únicos dos fatos, inclusive da revolução. "Eu costumava ser muito revolucionário", explica êle em dado momento, "mas agora acho que nada é possível conseguir pela força bruta. É pela bondade que as pessoas têm de ser levadas para o bem." Um profundo respeito pelo indivíduo e desconfiança em face do Estado arrogante se faz sentir em todo o livro. Juntamente com os dísticos e as promes-

sas marxistas, diz êle, vieram "sangue e lágrimas, insânia coletiva, a selvaria do morticínio diário, horário, legalizado, recompensado. . . ."

"A idéia do progresso social tal como é compreendido desde a revolução de outubro não me enche de entusiasmo. Está tão longe de ser posta em prática e as meras palavras a êsse respeito têm custado tamanho mar de sangue, que eu não tenho muita certeza de que o fim justifique os meios. Por último—e isso é o principal—quando ouço alguém falar em reformar a vida, perco o contrôle e me afundo em desespero. . . ."

"Reformar a vida! Gente que diz isso nunca compreendeu coisa alguma sôbre a vida, nunca sentiu o hálito e o pulsar do coração da vida, por mais que tenha visto ou feito. São pessoas que consideram a vida um pedaço de matéria-prima que precisa ser trabalhado por elas, enobrecido pelo seu contato. Mas a vida nunca é um material, uma substância para ser moldada. Se querem saber, a vida é o princípio da auto-renovação, está constantemente se renovando, se reformando, se transformando, e se transfigurando, e fica infinitamente além das suas ou das minhas obtusas teorias sôbre ela. . . ."

"Os revolucionários que tomam a justiça nas próprias mãos inspiram horror não porque sejam criminosos, mas porque são como máquinas descontroladas, como trens sem maquinista."

Tal é a natureza do livro que abalou os homens do Kremlin.

Pasternak foi bastante ingênuo para esperar que o seu romance fôsse publicado. Quando o concluiu, mandou-o para o jornal literário *Novy Mir*. Rejeitando-o, os diretores comunistas do jornal enviaram a Pasternak uma longa explicação de 7.500 palavras, na qual diziam: "O que estranhamos em seu romance é coisa que nem os editôres nem o autor podem alterar mediante cortes ou revisões. Queremos referir-nos ao espírito do romance, ao seu teor geral, ao conceito de vida do autor."

Embora dito com a intenção de censura, isso era na verdade, um elogio. É claro que os cães de guarda soviéticos se preocupam menos com os ataques específicos do livro ao seu mundo do que com a sua essência moral e religiosa—a ênfase sôbre o indivíduo, sua felicidade e sua alma. Mesmo que tôdas as passagens "anti-comunistas" fôssem suprimidas, o espírito humanista do livro persistiria. Mostraria ainda que imenso abismo existe entre homens como Jivago-Pasternak e os feitôres da Rússia. O Kremlin simplesmente não se atreveu a expor seus súditos a êsse livro impregnado de amor. E assim *O Doutor Jivago* se tornou "um livro sem pátria".

Pasternak não fêz o seu livro sair clandestinamente da Rússia. Sergio d'Angelo, agente de um editor de Milão de nome Giangiacomo Feltrinelli, que é favorável ao comunismo, estava por acaso em Moscou e

soube do romance. Procurou o autor, que com prazer lhe entregou os originais e um contrato para a sua publicação no estrangeiro. Pasternak não estava conscientemente contornando a lei.

O Kremlin envidou esforços extraordinários para impedir a publicação do livro fora da Rússia. Só foi mal sucedido porque o editor Feltrinelli se revelou um homem íntegro.

Por ordem de Moscou, os mais altos líderes do Partido Comunista Italiano o intimaram a abrir mão do romance. A Embaixada Soviética protestou. Mas a todos êles Feltrinelli dava a mesma resposta: "A única coisa que me interessa é que *O Doutor Jivago* é uma obra-prima!"

Feltrinelli, descendente de uma família rica, vinha editando livros esquerdistas como contribuição para a causa comunista. Sua fé nessa causa, já abalada pela tragédia da Hungria em 1956, foi então destruída pela campanha articulada para suprimir um grande romance. Logo depois de editar a tradução italiana de *Jivago*, rompeu com o Partido Comunista e transferiu os direitos de tradução a editôres no exterior. Em tôda a parte foram aclamados o mérito literário e a significação política do livro.

Na Itália, Alberto Moravia chamou-lhe "um livro forte com poucos paralelos na literatura moderna". Na Inglaterra, Sir Isaiah Berlin proclamou-o uma obra genial. Uma crítica do *Times* de Londres falou do

"objetivo, grandeza, sentimento e beleza do romance de Boris Pasternak"—tudo isso antes de haver o comitê do Prêmio Nobel anunciado a sua decisão.

Quando Moscou puniu o autor, as associações de escritores do mundo livre, da Austrália à Islândia, acusaram o Kremlin. Na Itália, na Noruega e em outras partes formularam apelos pela suspensão dos "programas de intercâmbio cultural" com a U. R. S. S., sob o fundamento de que os Sovietes tinham uma idéia deturpada de cultura.

Antigos detentores do Prêmio Nobel de Literatura, entre os quais Pearl Buck, Bertrand Russell, François Mauriac, Albert Camus, T. S. Eliot, defenderam o prêmio de 1958. Disse Camus: "Foi a melhor escolha que se poderia fazer." Mauriac, proclamando *Jivago* "talvez o mais importante romance da nossa época", contestou que a premeditação política houvesse influenciado os juízes, pois "a obra por si mesma merece de sobra o prêmio". Numa transmissão da Rádio Europa Livre, John Steinbeck disse ao povo atrás da Cortina de Ferro que os críticos soviéticos de Pasternak eram "os cozeiros da literatura soviética", e que os juízes de Pasternak seriam "punidos como foram os juízes de Sócrates—com os seus nomes esquecidos e a sua insensatez sempre lembrada."

Parece ilógico, como disse um comentarista, que "os senhores do Exército Vermelho e da Esquadra Vermelha, os lançadores de *sputniks*,

os que brandem a bomba de hidrogênio" estejam "tremendo de medo, raiva e histerismo diante de um escritor". Entretanto, o procedimento do Kremlin no caso Pasternak denuncia um medo genuíno de que o descontentamento da minoria pensante possa um dia galvanizar para a ação milhões de insatisfeitos. Os líderes soviéticos recordam que foram os intelectuais que fizeram a Revolução Russa há 42 anos e não esquecem jamais que os intelectuais de agora podem fazer outra.

Forçando Pasternak a renunciar ao Prêmio Nobel, o regime soviético se expôs conscientemente à censura moral da opinião mundial, quase tão grave quanto a que sofrera, dois anos antes, ao esmagar a revolta do povo da Hungria. Na verdade, os dois fatos estão intimamente relacionados. O levante húngaro foi em grande parte chefiado por escritores e estudantes. Isso fez renascer o medo crônico que Moscou sente da fermentação entre os intelectuais dentro do próprio país.

No caso Pasternak, do mesmo modo que no desafio dos húngaros, os ditadores sentiram que não tinham outro recurso senão a força bruta, pois as torrentes da liberdade, não sendo impiedosamente represadas, poderiam estender-se invencivelmente. Fazem bem em ter medo. O Prof. James H. Billington, da Universidade de Harvard, que fala russo, passou há pouco algumas semanas na U. R. S. S. Declarou êle que a difamação de Pasternak era

"apenas a última e mais espetacular prova da contínua tensão existente entre o regime soviético e os seus intelectuais. . . . Pouca dúvida havia de que Pasternak estava mais próximo dos homens de pensamento da Rússia do que Khrushchev ou qualquer outro líder político." O cronista político Joseph Alsop também julga que "Pasternak é o brilhante herói secreto de nove décimos dos homens mais moços a quem Alexei Surkov (chefe da União Soviética de Escritores) se incumba de manter na linha."

Na sua crítica de *Jivago* para o *Times* de Nova York, o intelectual russo-americano Marc Slonim declarou: "Todo um mundo de paixão, anseios, ideais e criação existe ao lado ou sob o mecanismo comunista. É coisa que vive, se agita, cresce. O romance de Pasternak é a voz da *outra Rússia*." A cronista Marguerite Higgins escreveu: "O que Pasternak provou com o seu romance foi precisamente o que o povo húngaro provou com a sua revolução: que hoje os russos, do mesmo modo que os húngaros, são vítimas relutantes do regime comunista."

É mais do que provável que o romance proscrito cumpra a obra de mobilização espiritual que lhe está destinada. Os trechos capitais estão sendo irradiados para a União Soviética pela Rádio Libertação. Sabe-se que mais de 500 exemplares de *O Doutor Jivago* em seu original russo estão em circulação dentro da Rússia. (Foram editados na Holanda

e distribuídos gratuitamente aos turistas soviéticos pelo Serviço de Informações do Vaticano na Exposição de Bruxelas.) Isso significa que milhares de pessoas acabarão por ler o livro e que outras, em grande número, terão conhecimento de seu significado.

Como é compreensível, Pasternak expressou com moderação os seus pensamentos. Mas há ocasiões em que as suas observações sobre o comunismo são diretas e devastadoras. Numa entrevista concedida a um jornalista sueco pouco antes de ser lhe atribuído o Prêmio Nobel, êle disse: "As exigências da hierarquia são muito pequenas. Só ha uma coisa que êles realmente querem. É que se odeie aquilo de que se gosta e se ame aquilo que se detesta."

Numa carta a um jornalista no Uruguai, Pasternak disse: "Tenho a

impressão de que nasceu e se está desenvolvendo dia a dia, sem que tenhamos conhecimento disso, uma época de tarefas inteiramente novas, tanto do coração quanto da dignidade humana—uma época silenciosa que nunca será proclamada ou promulgada em voz alta."

A vitória na Segunda Guerra Mundial, diz o romance na sua última página, "não trouxe o alívio e a liberdade que se esperavam", mas "os presságios da liberdade" permanecerão e "por si só" definem o atual período soviético. Muitos dos poemas constantes do livro são de fundo religioso e, significativamente, o tema central dos mesmos é a Ressurreição. Tenha ou não sido essa a intenção de Pasternak, o leitor não pode fugir ao persistente simbolismo: a futura ressurreição da "outra Rússia".



ALGUNS oradores que não sabem o que fazer com as mãos deviam tentar fechar a bôca com elas.

—G. Norman Collie, em *The Saturday Evening Post*



NESTE mundo há sempre perigo para os que o temem.

—George Bernard Shaw, citado em *The Irish Digest*



O futuro sabe como recompensar os que têm paciência com êle.

—Rev. Arthur Pringle